nara roesler

marcelo silveira

entre o mar, o rio e a pedra

nara roesler rio de janeiro

abertura
11 de fevereiro, 2025

exposição
11 fev – 12 abr, 2025

marcelo silveira e a reencarnação da forma

daniela name

É dos ciclos de vida e de morte, dos corpos e das imagens, que se constitui esta exposição de Marcelo Silveira. Reunindo dois grupos de trabalhos inéditos a obras emblemáticas que o artista revisita, este conjunto afirma os impulsos de um artista colecionador e alquimista.

A trajetória de Silveira é a de um criador que mergulha nas transformações da matéria para imaginar novas formas para vestígios de floresta e refugos da vida urbana. Tem sido uma constante em seu trabalho o aproveitamento e a recombinação de refugos, sejam eles pedaços de árvores ou páginas de revista. Com eles, inventaria em seu ateliê uma espécie de acervo, que constantemente destroi e reconstroi a partir de processos de edição e recombinação.

Esta metodologia de destruição e de sampler gera formas criadas em caleidoscópio, o que dá aos materiais uma espécie de reencarnação. A nova vida traz em seu ventre a memória ruidosa, e muitas vezes contraditória, daquilo que a matéria um dia foi, na natureza ou em outro objeto. Vem à tona também o processo que projetou a madeira, a crina de cavalo ou os restos de revista para este estado de vir-a-ser.

Silveira trabalha com o tempo e com o devir das coisas do mundo e é ao se debruçar sobre isso de maneira muito direta, com trabalhos que exigem dele paciência e labor manual, que consegue provocar em quem está diante de suas peças tanto arrebatamento. As obras reunidas na galeria Nara Roesler são testemunhos dessa lentidão de todas as gêneses, e por isso convidam quem as observa para a experiência de uma temporalidade distinta daquela a que estamos submetidos na rotina deslizante da hiperconexão. É como se as recombinações que o artista faz com os materiais que maneja fossem, em última instância, descombinações, um impulso de reinvenção imaginação a partir de um diálogo franco e muito profundo com a matéria-prima ou a imagem.

A ação sobre as partes originais que compõem cada trabalho são desgastadas, e de alguma maneira morrem para a forma que tinham, de modo a conseguir roçar uma nova existência. Entre a morte e a vida de cada parte, o rejunte de todas elas, uma cola que se configura como fresta, como trampolim para a memória de cada observador. A partir disso, as coleções do artista acessam outros acervos — os da memória e da subjetividade de cada observador — o que fica muito claro nas peças de *Bolofote*, uma das séries inéditas que o artista apresenta, e na nova visita que faz às colagens de *Hotel Solidão*.

Bolofote alude a uma expressão idiomática que dá conta daquilo que não tem forma, não tem distinção, é um amontoado sem muita nitidez. Estes trabalhos criados a partir de vários pedaços de madeira evidenciam ainda a perícia poética de Silveira em trazer à tona e dar protagonismo para características do vocabulário plástico da pintura (a mancha) e da escultura (o informe), sem abrir mão de outras possibilidades narrativas e simbólicas.

Hotel Solidão, série criada entre 2019 e 2021, é exemplar nisso. Para realizar as colagens, o artista atuou como destruidor das imagens presentes em uma coleção da revista “Grande Hotel”, criando novas imagens com as partes de imagens mortas. Elas podem sugerir balas de Medusa ou outras alusões à história da arte, mas podem levar a recordações íntimas, intransferíveis. A oposição entre o slogan da publicação, “a mágica revista do amor”, e a solidão que dá título aos trabalhos nos convida a pensar sobre a memória e a relação com as imagens como “a canoa só para um” de Guimarães Rosa em “A terceira margem do rio”. Estaremos sempre sozinhos na apreensão das imagens e na digestão do que elas sugerem, mesmo que parte do que reconheçamos sejam lembranças coletivas.

A nova investida na série *Cabeludas*, em que o artista une couro bovino e aço às aparas de crinas de cavalo, é muito bem-vindo no momento em que Silveira também apresenta as inéditas *Sementes*, criadas em madeira. Dois conjuntos que apontam para um fluxo de vida contínuo, mas constituído de uma sequência de metamorfoses — elas também significam crises, bifurcações, sobressaltos.

Muito pictóricas, uma espécie de plano de cor feito a partir de uma cachoeira de matéria, as *Cabeludas* lembram que crinas e cabelos são matéria que vive e se expande mesmo depois da morte, como soluços ou espasmos da vida que já não há. Já as Sementes, resultado de uma investigação recente, são feitas da madeira popularmente conhecida como Cajacatinga, sempre muito presente nos trabalhos do artista. Silveira sempre realizou a coleta dos restos de vegetação em áreas desmatadas pela produção canavieira. Recentemente, teve que readequar suas práticas e itinerários porque a Cajacatinga voltou a crescer e florescer. Estas esculturas também são, então, uma espécie de promessa e relato da ressurreição.

capa *Pele*, 2022-2024 [detalhe]

Semente II, 2024
madeira cajacatinga
50 x 50 x 15 cm

vista da exposição *Hotel solidão*,
Nara Roesler Nova York, EUA (2022)

Bolofote I, 2023-2024
madeira cajacatinga e cola
42 x 57 x 112 cm

Bolofote II, 2023-2024
madeira cajacatinga e cola
56 x 39 x 128 cm

vista da exposição *entre o mar, o rio* e a pedra
Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil (2025)

Hotel Solidão (Grupo II), 2019/2021
papel impresso, papel jornal, tecido de algodão, eucatex, tinta PVA, cola branca PVA e madeiras diversas
8 peças de 27,2 x 42,1 x 3 cm

Pele, 2022-2024
madeira cajacatinga e aço inoxidável
145 x 100 x 54 cm
foto: Danilo Galvão

vista da exposição *entre o mar, o rio* e a pedra
Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil (2025)

vista da exposição *Hotel solidão*,
Nara Roesler Nova York, EUA (2022)

vista da instalação na
29º Bienal de São Paulo, 2010

57151
Marcelo Silveira
Cabeludas, 2006
couro bovino, crina
equina e aço inoxidável
225 x 47 x 15 cm (cada)

vista da exposição *entre o mar, o rio* e a pedra
Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil (2025)

vista do ateliê do artista,
Recife, Brasil (2025)

Marcelo Silveira em seu
ateliê em Recife, Brasil (2025)

Semente III, 2024
madeira cajacatinga
50 x 40 x 20 cm

vista da exposição *entre o mar, o rio* e a pedra
Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil (2025)

Semente IV, 2024
madeira cajacatinga
80 x 60 x 30 cm

marcelo silveira

n. 1962, Gravatá, Brasil
vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto*, obras por Marcelo Silveira, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor*, Museu da Imagem e do Som (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- 35º Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- 29ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010)
- 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo
avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art
info@nararoesler.art